



## WITTGENSTEIN E O PROJETO *TRACTATIANO*<sup>1</sup>

### *Wittgenstein and the Tractatian project*

Maria Priscilla Coelho  
EARJ

**Resumo:** O *Tractatus Logico-Philosophicus* de Wittgenstein é célebre por apresentar uma crítica da linguagem na qual pensar os limites da linguagem significa circunscrever os limites cognitivos. Este texto pretende deixar mais claro em que sentido, para Wittgenstein, a filosofia, limitando o pensável, limita o âmbito do discurso significativo. Para isso, almeja-se investigar as relações entre linguagem, pensamento e realidade em conexão com as noções de sentido, sem-sentido e absurdo no *Tractatus*. Tais elucidações visam evidenciar em que medida a filosofia, enquanto análise lógica das proposições, apenas dissolve problemas. Ela nada diz.

**Palavras-chave:** linguagem; sentido; limite; filosofia.

**Abstract:** Wittgenstein's *Tractatus Logico-Philosophicus* is well known for presenting a critique of language in which to think the limits of language means to circumscribe the limits of cognition. This text aims to make clearer in which sense, for Wittgenstein, philosophy, by tracing the limits of thought, traces the limits of the meaningful discourse. In order to achieve this, the relations between language, thought and reality will be discussed in connection with the notions of sense, senseless and nonsense in the *Tractatus*. These elucidations seek to bring into evidence to what extent philosophy, as a logical analysis of language, only dissolves problems. It says nothing.

**Keywords:** language; sense; limit; philosophy.

*Nada a ser feito*<sup>2</sup>.  
Samuel Beckett

*O valor deste trabalho consiste (...) em mostrar  
como importa pouco resolver esses problemas [filosóficos]*<sup>3</sup>.  
Ludwig Wittgenstein

### Introdução

Wittgenstein, no prefácio ao *Tractatus Logico-Philosophicus*, diz acreditar ter resolvido “de vez [*endgültig*] os problemas” filosóficos. De vez, pelo menos, no que diz respeito à essência deles. Eles tentam dizer o que não pode ser dito, mas apenas se mostra.

<sup>1</sup> Este texto foi originalmente apresentado como parte de minha dissertação de mestrado, a qual foi desenvolvida com o apoio da CAPES e da FAPERJ. Parte desta pesquisa encontra-se aqui em versão adaptada ao formato de artigo.

<sup>2</sup> Minha tradução. Cf. BECKETT, Samuel. “Waiting for Godot”. In: \_\_\_\_\_. *The complete dramatic works*. London: Faber and Faber, 1990, p. 11. Original: “Nothing to be done”. É interessante notar que é com esta frase que Beckett inicia a sua obra.

<sup>3</sup> Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 132-3. Daqui em diante esta obra será referida como: *TLP*. Quando aparecer apenas um número depois da abreviação, ele se refere ao número da proposição no livro. Original: “so besteht nun der Wert dieser Arbeit (...) darin, dass sie zeigt, wie wenig damit getan ist, dass diese Probleme gelöst sind.”

Tentar falar sobre que o mundo seja ou sobre a essência da linguagem é tentar elaborar um discurso dotado de sentido sobre o que se mostra. Para melhor entender este limite do discurso significativo é preciso investigar como Wittgenstein interpreta as relações entre linguagem, pensamento e realidade.

As influências fregianas para os pensamentos apresentados no *Tractatus* são reconhecidas pelo próprio Wittgenstein já no prefácio<sup>4</sup>. Na primeira seção deste texto, apresentarei alguns elementos dessa influência que ajudam a esclarecer a crítica da linguagem wittgensteiniana. Já na segunda seção, esta crítica será abordada de modo a contextualizar as suas implicações para a tarefa filosófica. Almeja-se, assim, clarificar em que medida toda filosofia, sendo crítica da linguagem, limita o âmbito do discurso significativo e nada pode dizer com sentido.

## 1. Um diálogo com Frege

No prefácio do *Tractatus*, Wittgenstein anuncia que

O livro pretende (...) traçar um limite para o pensar, ou melhor – não para o pensar, mas para a expressão dos pensamentos: a fim de traçar um limite para o pensar, deveríamos poder pensar os dois lados desse limite (deveríamos, portanto, poder pensar o que não pode ser pensado)<sup>5</sup>.

Evidencia-se nesta passagem uma preocupação com a relação entre linguagem, pensamento e realidade. Enquanto para Frege o pensamento é o sentido proposicional, para Wittgenstein o pensamento é a “figuração lógica dos fatos”<sup>6</sup>. Segundo o filósofo austríaco, a linguagem figura<sup>7</sup>, representa, um fato possível.

Frege faz uma distinção entre pensamento e representação. O pensamento não pertence a um espírito particular, mas antes ao espírito ele mesmo. Já a representação é uma propriedade do espírito individual. Dada a obscuridade, a ambigüidade e a irregularidade da linguagem ordinária, Frege irá conceber uma conceitografia (*Begriffsschrift*<sup>8</sup>). O objetivo é que ela seja uma linguagem que reflita perfeitamente a estrutura do pensamento sem que introduza nenhum elemento que seja estranho à natureza desta. Bouveresse sintetiza: “Se trata de uma linguagem da qual nós podemos dizer que, já que ela representa a lógica em seu estado puro, ela é representativa daquilo que pertence ao espírito, considerado enquanto tal, e não aos espíritos”<sup>9</sup>. Com esta linguagem torna-se mais fácil separar rigorosamente o que diz respeito à lógica e o que diz respeito à psicologia. As leis da lógica são leis não do nosso pensamento ou raciocínio, mas sim normas constitutivas de todo e qualquer pensamento. Em *Leis básicas da Aritmética*, o filósofo alemão indica a falta de sentido da possibilidade de existirem seres que formulem juízos que contrariem as leis da lógica, como a lei de identidade, por exemplo. Segundo Frege, “Qualquer um que entenda as leis da lógica como sendo leis que prescrevem a maneira segundo a qual alguém deve pensar – como sendo as leis de verdade, e não leis naturais dos seres humanos de tomar uma coisa por verdadeira – irá perguntar, quem está certo?” Ou: “Quais leis de tomar-por-verdade estão de acordo com

<sup>4</sup> No prefácio, Wittgenstein também faz referência à influência russelliana. Alguns elementos desta serão tratados na segunda seção deste texto, mas será dada aqui mais ênfase a elementos da influência fregiana.

<sup>5</sup> *TLP*, p. 131. Original: “Das Buch will (...) dem Denken eine Grenze ziehen, oder vielmehr – nicht dem Denken, sondern dem Ausdruck der Gedanken: Denn um dem Denken eine Grenze zu ziehen, müßten wir beide Seiten dieser Grenze denken können (wir müßten also denken können, was sich nicht denken läßt). (*TLP*, Vorwort).”

<sup>6</sup> *TLP*, 3. Original: “Das logische Bild der Tatsachen.”

<sup>7</sup> Para mais informações sobre figuração em Wittgenstein, conferir o verbete “teoria pictórica” em GLOCK, Hans-Johann. *Dicionário Wittgenstein*. Trad. Helena Martins. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1998.

<sup>8</sup> Os termos *Begriff* e *Schrift* significam, respectivamente, em alemão ‘conceito’ e ‘grafia’/‘notação’.

<sup>9</sup> Minha tradução. BOUVERESSE, Jacques. *Dire et ne rien dire: l'illogisme, l'impossibilité et le non-sens*. Nîmes: Editions Jacqueline Chambon, 2002, p. 10. Original: “Il s'agit d'un langage dont on pourrait dire que, puisqu'il représente le logique à l'état pur, il est représentatif de ce qui appartient à l'esprit, considéré tant que tel, et non aux esprits”

as leis de verdade?”<sup>10</sup>. Estaria interdito, neste caso, ao psicologista inquirir isso, pois estaria pressupondo a existência de leis de verdade que não são leis da psicologia. Afinal,

se é correta a concepção psicologista, isto é, se as leis da lógica descrevem as operações inferenciais básicas de *nossa* mente, então não está interdita a possibilidade de existirem seres cujas operações mentais sejam regidas por princípios radicalmente distintos daqueles que regem as nossas, e assim, que formulem juízos, pensem ou raciocinem violando sistematicamente as leis da lógica (ou, para dar voz ao lógico psicologista, violando sistematicamente as leis de *nossa* lógica) (...). Se as leis da lógica são “leis naturais do tomar por verdadeiro” (...), isto é, se elas não são válidas atemporal e universalmente, mas sim válidas apenas para seres que reconhecem a verdade tal como nós o fazemos, então, conclui Frege, devo admitir que faz sentido a hipótese de existirem seres que pensem ou raciocinem segundo leis lógicas que contradizem as nossas. E diante de tais seres, continua ele, ao lógico psicologista estaria interdito perguntar quem está certo e quem está errado, isto é, que “leis do tomar por verdadeiro estão de acordo com as leis da verdade” (...), pois, se levantasse tais questões, ele estaria ao mesmo tempo reconhecendo a existência de leis da verdade que não são apenas generalizações de operações inferenciais da mente. Ao lógico de orientação psicologista só restaria reconhecer que há um desacordo entre o nosso modo de pensar e o desses seres, apenas reconhecer que certas leis do pensamento (como o princípio de identidade, por exemplo) são válidas para nós e descrevem o modo como *nós* pensamos, ao passo que outras leis do pensamento (radicalmente distintas das nossas) são válidas para estes seres e descrevem o modo como os mesmos pensam ou raciocinam<sup>11</sup>.

Frege fornece dois exemplos para elucidar o princípio de identidade. Eles são: “É impossível para pessoas no ano de 1893 reconhecerem um objeto como sendo diferente dele mesmo?” e “Todo objeto é idêntico a ele mesmo?”<sup>12</sup>. Segundo o autor,

A primeira lei concerne os seres humanos e contém uma referência temporal, na última não há referência nem a seres humanos, nem ao tempo. A última é uma lei de verdade, a primeira uma lei de tomar-por-verdade das pessoas. O conteúdo das duas é completamente diferente e elas são independentes uma da outra; nem podem ser inferidas da outra<sup>13</sup>.

Diante disso, fica a questão: Por que e com que direito reconhecemos uma lei da lógica como verdadeira? A lógica pode respondê-la apenas reduzindo-a a outra lei da lógica. Quando isso não é possível, ela não pode dar uma resposta.

A razão disso é que elas [as distinções lógicas] são necessariamente pressupostas na expressão de não importa qual espécie de pensamento e não podem, portanto, ser por sua vez objeto de pensamentos especiais que seriam suscetíveis, como deve ser todo pensamento, de ser verdadeiros ou falsos. Parece por isso que o

<sup>10</sup> Minha tradução do inglês. FREGE, Gottlob. *The Basic Laws of Arithmetic: Exposition of the System*. Trad. Montgomery Furth. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press, 1964, p. 14. Original: “Anyone who understands laws of logic to be laws that prescribe the way in which one ought to think – to be the laws of truth, and not natural laws of human beings’ taking a thing to be true – will ask, who is right? Whose laws of taking-to-be-true are in accord with the laws of truth?”.

<sup>11</sup> ROSA, Marcos. “Frege, Wittgenstein e a normatividade da lógica”. In: *Revista Índice* [http://www.revistaindice.com.br]. Vol. 02, n. 01, 2010/1, pp. 32-33.

<sup>12</sup> Minha tradução do inglês. FREGE, Gottlob. *The Basic Laws of Arithmetic: Exposition of the System*. Trad. Montgomery Furth. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press, 1964, p. 14. Original: “It is impossible for people in the year 1893 to acknowledge an object as being different from itself?” e “Every object is identical with itself?”.

<sup>13</sup> Minha tradução do inglês. FREGE, Gottlob. *The Basic Laws of Arithmetic: Exposition of the System*. Trad. Montgomery Furth. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press, 1964, p. 14-15. Original: “The former law concerns human beings and contains a temporal reference; in the latter there is no talk either of human beings or of time. The latter is a law of truth, the former a law of people’s taking-to-be-true. The content of the two is wholly different and they are independent of one another; neither can be inferred from the other”.

pensamento possui características essenciais que não podem se tornar elas mesmas objetos de pensamento<sup>14</sup>.

Assim como Frege<sup>15</sup>, Wittgenstein também defende a idéia de que existe um abismo entre a gramática ordinária e a forma lógica da linguagem. Não é raro que uma mesma palavra possa designar de maneiras diferentes ou que duas palavras diferentes sejam empregadas do mesmo modo. Um exemplo lapidar do primeiro caso é o verbo ‘ser’ que pode aparecer como cópula, sinal de igualdade ou expressar existência. Também poderíamos usar como exemplo a proposição ‘Linda é linda’. A primeira ocorrência de ‘Linda’ é o nome de um sujeito e na segunda trata-se de um adjetivo. Cabe ressaltar que não são apenas significados diferentes, mas também símbolos diferentes, ou seja, desempenham funções distintas. Esse abismo dá margem às “confusões mais fundamentais” que são, inclusive, aquelas de que, segundo Wittgenstein, a filosofia está repleta<sup>16</sup>. O valor do *Tractatus* consiste também em “mostrar como importa pouco resolver” os problemas filosóficos<sup>17</sup>. Para ele, trata-se de esclarecer a má formulação de tais problemas, decorrente do que denomina de uma má compreensão da estrutura essencial da linguagem. No *Tractatus*, as relações entre lógica e filosofia serão expressas de modo singular a partir de um estudo sobre o alcance representativo da linguagem, sobre o limite para a expressão dos pensamentos.

Rompendo com a visão segundo a qual a relação entre linguagem e pensamento é externa, Wittgenstein defende que

A linguagem é um traje que disfarça o pensamento. E, na verdade, de um modo tal que não se pode inferir, da forma exterior do traje, a forma do pensamento trajado; isso porque a forma exterior do traje foi constituída segundo fins inteiramente diferentes de tornar reconhecível a forma do corpo<sup>18</sup>.

A concepção fregiana de lógica “como uma descrição das leis de verdade e como determinando, por conseguinte, as leis normativas do pensamento levou a investigação lógica a ser uma busca sublime pelas leis que regem as relações de todos os pensamentos, não importando qual seja seu assunto”<sup>19</sup>. Adotando uma notação conceitual governada pela sintaxe lógica, poder-se-ia clarificar as confusões geradas pelo abismo entre a linguagem ordinária e a forma lógica da linguagem. A *Begriffsschrift* fregiana ou mesmo a notação russelliana, embora sejam linguagens com estas pretensões, não chegam, segundo Wittgenstein, a eliminar todos os equívocos. Além disso, o que o autor do *Tractatus* está tentando especificar são as condições que devem ser satisfeitas por qualquer linguagem, uma vez que, para ele, toda linguagem é logicamente perfeita, “todas

<sup>14</sup> Minha tradução. BOUVERESSE, Jacques. *Dire et ne rien dire: l'illogisme, l'impossibilité et le non-sens*. Nîmes: Editions Jacqueline Chambon, 2002, p. 10. Original: “La raison de cela est qu’elles [les distinctions logiques] sont nécessairement pré-supposées dans l’expression de n’importe quelle espèce de pensée et ne peuvent par conséquent faire à leur tour l’objet de pensées spéciales qui seraient susceptibles, comme doit l’être toute pensée, d’être vraies ou fausses. Il semble donc que la pensée possède des caractéristiques essentielles qui ne peuvent devenir elles-mêmes des objets de pensée.”

<sup>15</sup> E também Russell. Segundo este, a forma lógica aparente da proposição não coincide necessariamente com sua forma lógica real. Cf. Teoria das descrições. In: RUSSELL, Bertrand. “On Denoting” (1905). In: MARTINICH, Aloysius Patrick & SOSA, David, orgs. *Analytic Philosophy: An Anthology*. University of Texas at Austin: Blackwell, 2006, pp. 32-41. Na proposição 4.0031 do *Tractatus*, lê-se: “O mérito de Russell é ter mostrado que a forma lógica aparente da proposição pode não ser sua forma lógica real”.

<sup>16</sup> Cf. *TLP*, 3.324.

<sup>17</sup> Cf. *TLP*, p. 133.

<sup>18</sup> *TLP*, 4.002. Original: “Die Sprache verkleidet den Gedanken. Und zwar so, daß man nach der äußeren Form des Kleides nicht auf die Form des bekleideten Gedankens schließen kann; weil die äußere Form des Kleides nach ganz anderen Zwecken gebildet ist, als danach, die Form des Körpers erkennen zu lassen.”

<sup>19</sup> Minha tradução. BAKER, Gordon & HACKER, Peter. *Wittgenstein: Understanding and meaning*. Part II: exegesis § 1- 184. Vol. 1 of *An Analytical Commentary on the Philosophical Investigations*. Second, extensively revised edition by P. M. S. Hacker. USA: Blackwell Publishing, 2005, p. 191. Original: “as a description of the laws of truth and as accordingly determining the normative laws of thinking took logical investigation to be a sublime quest after the laws governing the relations of all thoughts, no matter what their subject matter”.

as proposições de nossa linguagem corrente estão logicamente, assim como estão, em perfeita ordem<sup>20</sup>. Está buscando revelar, então, “a estrutura lógica subjacente de qualquer linguagem possível<sup>21</sup>. Ou seja, “Ele quer mostrar no *Tractatus* que a filosofia e a lógica têm a ver não com um reino especial de objetos, mas com as características necessárias da linguagem – isto quer dizer: de qualquer linguagem que seja<sup>22</sup>.”

## 2. Uma crítica da linguagem

Wittgenstein foi alvo de uma má compreensão do conteúdo fundamental do *Tractatus* por parte de Russell. Segundo Hacker<sup>23</sup>, a passagem, na proposição 3.325, em que Wittgenstein menciona a necessidade do emprego de uma notação que exclua as confusões já referidas e obedeça à gramática lógica teria sido a fonte da leitura equivocada. Russell teria negligenciado os comentários de Wittgenstein a respeito de nossa linguagem ser logicamente perfeita e acreditado que o filósofo austríaco buscava condições que deveriam ser satisfeitas por uma ideal linguagem logicamente perfeita. Na verdade, a concepção tractatiana de

lógica como transcendental, como uma condição de possibilidade do pensamento e da representação linguística, similarmente levou a investigação lógica a ser uma investigação sobre a essência do mundo. A análise revelaria a essência de todas as coisas. Nesta concepção, a lógica não é um ideal, mas é a estrutura profundamente oculta de qualquer linguagem possível, a qual pode ser revelada pela análise<sup>24</sup>.

Herdada de Russell por Wittgenstein, será central no *Tractatus* a idéia de que a filosofia é a análise lógica de proposições. Ou seja, a decomposição de proposições compostas em proposições mais simples denominadas proposições atômicas ou elementares, as quais são logicamente independentes umas das outras e asserem a existência de um estado de coisas.

Segundo Wittgenstein, para que uma figuração possa afigurar a realidade<sup>25</sup>, ambas precisam ter a mesma forma. Existe um isomorfismo entre a linguagem e a realidade sem o qual a primeira não poderia afigurar a segunda seja correta ou falsamente. A possibilidade desta disjunção ocorre devido à figuração representar seu objeto de fora, apesar de não poder colocar-se fora de sua forma de representação<sup>26</sup>. A forma lógica da afiguração é, portanto, a forma da realidade.

De acordo com a proposição 4.024, “entender uma proposição significa saber o que é o caso se ela for verdadeira<sup>27</sup>”. Já dizer que duas coisas são idênticas é um contra-senso

<sup>20</sup> TLP, 5.5563.

<sup>21</sup> Minha tradução. HACKER, Peter. *Insight and illusion: themes in the philosophy of Wittgenstein*. Revised Edition. New York: Clarendon Press, Oxford: 1986, p. 17. Original: “the underlying logical structure of any possible language”.

<sup>22</sup> Minha tradução. MCGUINNESS, Brian. *Approaches to Wittgenstein*. London and New York: Routledge, 2002, p. 86. Original: “He wants to bring out in the *Tractatus* that philosophy and logic have to do not with a special realm of objects but with the necessary features of language – that is to say of any language whatsoever”.

<sup>23</sup> Hacker indica que Frank P. Ramsey já havia apontado isto em sua *review* do *Tractatus* de 1923, que foi reimpressa em *Foundations of Mathematics* (Cf. RAMSEY, Frank. “Critical notice of L. Wittgenstein’s *Tractatus Logico-Philosophicus* (1923)”. In: *The foundations of Mathematics and other logic essays*. Ed. R. B. Braithwaite. London: Routledge & Kegan Paul LTD., 1950, p. 270-286). Cf. HACKER, Peter. *Insight and illusion: themes in the philosophy of Wittgenstein*. Revised Edition. New York: Clarendon Press, Oxford: 1986, p. 16.

<sup>24</sup> Minha tradução. BAKER, Gordon & HACKER, Peter. *Wittgenstein: Understanding and meaning*. Part II: exegesis § 1- 184. Vol. 1 of *An Analytical Commentary on the Philosophical Investigations*. Second, extensively revised edition by P. M. S. Hacker. USA: Blackwell Publishing, 2005, p. 191. Original: “logic as transcendental, as a condition of the possibility of thought and linguistic representation, similarly took logical investigation to be an investigation into the essence of the world. Analysis would disclose the essence of all things. On that conception, logic is not an ideal, but is the deeply buried structure of any possible language, which can be disclosed by analysis”.

<sup>25</sup> Lembrando que, para Wittgenstein, o pensamento é a figuração lógica dos fatos. Cf. TLP. 3.

<sup>26</sup> Cf. TLP. 2.173 e 2.174.

<sup>27</sup> TLP. Original: “Einen Satz verstehen, heißt, wissen was der Fall ist, wenn er wahr ist”.

(*unsinnig*). Afinal, se são completamente idênticas, não são duas, mas a mesma. Por outro lado, dizer que uma coisa é idêntica a si mesma, o que seria necessariamente verdadeiro, é não dizer nada. Cabe, diante disso, delimitar melhor as fronteiras entre sentido, sem-sentido (*sinnlos*) e absurdo (*unsinnig*).

Antes, contudo, é importante indicar o contexto em que isso será feito no *Tractatus*. Wittgenstein busca traçar os limites para a expressão dos pensamentos através da investigação das relações entre linguagem, pensamento e realidade. Seu interesse pela legitimidade do que se pode pensar e dizer irá alinhá-lo à tradição crítica. Contudo, esta circunscreve epistemologicamente os limites cognitivos, fundando-os na natureza dos instrumentos que o sujeito dispõe, o que será alvo de rejeição por parte de Wittgenstein, uma vez que ele pretende fazer total abstração da natureza do sujeito que representa. Posiciona-se dessa forma não porque negue a submissão a condições subjetivas, mas porque acredita que se uma proposição tem uma forma essencial, “sua mera consideração poderia bastar para a determinação do que nenhuma representação proposicional seria capaz de representar”<sup>28</sup>. Opondo-se ao conceito tradicional de filosofia “como espécie particular de conhecimento representativo” e sua pretensão “de partilhar com as ciências empíricas o território do saber teórico”<sup>29</sup>, Wittgenstein dirige sua atenção para as condições objetivas de instituição de uma relação de representação. Pode-se dizer que sua preocupação no que concerne aos limites do conhecimento (limites para o discurso dotado de sentido) o aproxima da tradição crítica, mas o modo como opta por responder a essas questões o afastará da mesma, alinhando-o à tradição lógica. Esta, por sua vez, dedica-se ao domínio do *logos apophantikos*, que diz respeito às frases declarativas. Segundo Aristóteles, em *De Interpretatione*, “nem toda frase é declarativa, mas apenas aquela em que ocorre pretender dizer o verdadeiro e o falso”<sup>30</sup>. As outras frases com sentido, como a prece, cabem aos discursos que não erguem pretensão de verdade, ou seja, os não-declarativos, os quais Aristóteles vinculou à retórica e à poética. A escolha do domínio declarativo por Wittgenstein e seu foco nas condições objetivas de representação são indícios de sua “incorporação do estilo lógico de reflexão à tradição crítica”, caracterização que “completa a definição do projeto lógico do *Tractatus*”<sup>31</sup>.

Delimitado este contexto, cabe retornar à questão da figuração da realidade. Wittgenstein terá em Frege um estímulo às suas idéias. Em *Sobre o sentido e a referência*, Frege faz uma distinção entre o que seria o sentido e a referência de uma proposição. Para ele, o sentido (*Sinn*) é o modo de apresentação do objeto denotado. Já a referência (*Bedeutung*) é aquilo que ela denota, a saber: seu significado, um ‘objeto lógico’, ou seja, um valor de verdade. As frases só seriam, portanto, verdadeiras ou falsas de modo secundário, uma vez que dependem da verdade ou falsidade do que exprimem. Tal distinção entre *Sinn* e *Bedeutung* é relevante, na medida em que explica como uma proposição pode não ser referencial sem ser destituída de sentido e em que ajuda a elucidar a diferença entre enunciados do tipo ‘a = a’ e ‘a = b’. Sem ela, caso ‘a = b’ fosse verdadeiro e os sinais ‘a’ e ‘b’ indicassem uma mesma referência, não haveria diferença entre ambos os enunciados. Já com a ajuda da referida distinção, ‘a’ e ‘b’ passam a ser diferentes quanto a seu sentido, o que torna ‘a = a’ trivial e ‘a = b’ informativa<sup>32</sup>.

<sup>28</sup> SANTOS, Luiz. “A essência da proposição e a essência do mundo.” In: WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 17.

<sup>29</sup> SANTOS, Luiz. “A essência da proposição e a essência do mundo.” In: WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 15.

<sup>30</sup> ARISTÓTELES. “*De Interpretatione*”. In: AGIONI, L. (seleção, tradução e comentários). *Ontologia e predicação em Aristóteles*. Campinas: Unicamp, 2000, 16b 33.

<sup>31</sup> SANTOS, Luiz. “A essência da proposição e a essência do mundo.” In: WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 16.

<sup>32</sup> Em Kant, a distinção entre juízo analítico e juízo sintético já indica valores cognitivos diferentes para ‘a = a’ e ‘a = b’. Frege lançará nova luz sobre o assunto com a distinção entre *Sinn* e *Bedeutung*.

Wittgenstein se afastará dessa concepção ao sustentar que o sentido de uma proposição está relacionado ao fato que corresponderia a ela na realidade, se ela for verdadeira, como especificado anteriormente na passagem de 4.024. Enquanto as proposições possuem um sentido, mas nenhum significado, os nomes possuem um significado, mas nenhum sentido. Os nomes nomeiam, mas uma frase dá algo a entender<sup>33</sup>. Inspirado nas observações fregianas e valendo-se da ambigüidade do termo *Sinn* que, em alemão, além de sentido quer dizer direção, Wittgenstein defenderá que a negação é uma operação de reversão de sentido, ela muda a direção da proposição. ‘p’ e ‘~p’ afiguram a mesma realidade, só que um diz que as coisas estão de um jeito e o outro diz que elas não estão desse jeito.

Como foi mencionado, Wittgenstein defende, no *Tractatus*, que existe uma forma comum entre a estrutura lógica da proposição e a estrutura ontológica do real. A forma lógica de um objeto é a sua possibilidade de participar de certas combinações com outros objetos. Apreender, então, a forma lógica e o significado dos nomes de uma proposição é apreender a possível combinação de objetos que ela afigura, uma vez que “a proposição é uma figuração da realidade: pois sei qual é a situação por ela representada, se entendo a proposição”<sup>34</sup>.

Para Wittgenstein, o que confere sentido a um enunciado é a possibilidade de se afirmar o que se nega e de se negar o que se afirma. Para ele, caracterizar uma proposição como bipolar é entender que a essência da representação proposicional reside nessa escolha entre um dos dois pólos de uma alternativa exclusiva, a saber: afirmar ou negar algo com respeito ao plano das coisas. Se o que afirmo ou nego corresponder à realidade, o que digo é verdadeiro. Se não corresponder, é falso. Nas palavras de Wittgenstein: “o sentido da proposição é a sua concordância e discordância com as possibilidades de existência e inexistência dos estados de coisas”<sup>35</sup>. Nesse contexto, as tautologias são necessariamente verdadeiras e as contradições necessariamente falsas, mas ambas não têm sentido, pois não dizem algo sobre o real. Isso ocorre na medida em que não excluem uma possibilidade genuína, ou seja, são incapazes de expressar aquilo que pretendem excluir. Não são, dessa forma, bipolares. Não ferem, contudo, nenhum princípio da sintaxe lógica. São sem-sentido (*sinnlos*), mas não absurdas (*unsinnig*).

É possível perceber com essas afirmações que é preciso optar entre a necessidade e o sentido, pois ambos são incompatíveis simultaneamente. O absurdo diz respeito a pseudo-proposições. Segundo Hacker, elas não dizem nada, mas também não mostram nada sobre o mundo, nem sobre sua forma, nem sobre seu conteúdo, podendo ser absurdos patentes ou latentes. Os primeiros podem ser identificados imediatamente, uma vez que ferem perspicuamente as leis da sintaxe lógica. Eles, por isso, não causam confusões. Já os segundos podem ser revelados a partir de uma investigação gramatical que nos ajuda a reconhecê-los, uma vez que não são evidentes.

No que diz respeito à filosofia,

a maioria das proposições e questões que se formularam sobre temas filosóficos não são falsas, mas contrassensos. Por isso, não podemos de modo algum responder a questões dessa espécie, mas apenas estabelecer seu caráter de contrassenso. A maioria das questões e proposições dos filósofos provém de não entendermos a lógica de nossa linguagem<sup>36</sup>.

<sup>33</sup> Essa distinção é herdada do *Sofista* de Platão. Cf. 262 c/d. Também Aristóteles em *De interpretatione* usou a expressão.

<sup>34</sup> *TLP*, 4.021. Original: “Der Satz ist ein Bild der Wirklichkeit: Denn ich kenne die von ihm dargestellte Sachlage, wenn ich den Satz verstehe.”

<sup>35</sup> *TLP*, 4.2. Original: “Der Sinn des Satzes ist seine Übereinstimmung und Nichtübereinstimmung mit den Möglichkeiten des Bestehens und Nichtbestehens der Sachverhalte.”

<sup>36</sup> *TLP*, 4.003. Original: “Die meisten Sätze und Fragen, welche über philosophische Dinge geschrieben worden sind, sind nicht falsch, sondern unsinnig. Wir können daher Fragen dieser Art überhaupt nicht beantworten, sondern nur ihre Unsinnigkeit feststellen. Die meisten Fragen und Sätze der Philosophen beruhen darauf, daß wir unsere Sprachlogik nicht verstehen.”

Os limites do discurso significativo não podem ser ditos em proposições filosóficas. Em vez disso, mostram-se na forma lógica das proposições não-filosóficas. A proposição exibe sua forma lógica, mostra seu sentido, e “o que se exprime na linguagem, nós não podemos exprimir por meio dela”<sup>37</sup>. Segundo Wittgenstein, “há uma essência do mundo que, embora indizível, *mostra-se* como condição e limite do que pode ser dito”<sup>38</sup>. Por tentarem dizer o que só pode ser mostrado, as sentenças da metafísica são absurdas. Baseiam-se em uma má compreensão da sintaxe lógica e acabam produzindo, muitas vezes, absurdos latentes. Segundo Hacker,

a maior parte da filosofia não viola obviamente os limites do sentido. Trata-se de um absurdo latente porque, de uma maneira que não é perspicua na linguagem ordinária para mentes não instruídas, ela viola os princípios da sintaxe lógica da linguagem. Filósofos tentam dizer o que pode ser apenas mostrado, e o que dizem, sendo absurdo, não mostra nem o que tentam dizer. Não obstante, mesmo no alcance do filosófico, o absurdo latente pode ser distinguido, como veremos, entre o que pode (um pouco confusamente) ser chamado de absurdo elucidativo, e absurdo enganador<sup>39</sup>.

O absurdo enganador é produzido quando, havendo uma falha em apreender as condições de possibilidade da representação, se acredita que se pode dizer o que apenas pode ser mostrado. Já o absurdo elucidativo conduz à apreensão do que é mostrado por outras proposições – que não se pretendem filosóficas. Afinal, não há proposições filosóficas. A filosofia será, para Wittgenstein, uma atividade de elucidação de outras proposições, mas nunca um corpo de proposições filosóficas. Por isso, classificará como ilegítima a metafísica do passado e atestará que “toda filosofia é ‘crítica da linguagem’”<sup>40</sup>. As proposições do *Tractatus*, por sua vez, apesar de também tentarem dizer o que não pode ser dito, se baseiam em uma compreensão correta da sintaxe lógica, podendo ser entendidas como absurdos elucidativos.

Além da questão referente à distinção entre o que se pode dizer e o que se mostra, a distinção entre relações internas e externas é igualmente mal compreendida por muitos filósofos<sup>41</sup>, o que também gera absurdos. “Uma propriedade é interna se é impensável que seu objeto não a possua”<sup>42</sup>, refere-se ao que é essencial para ele ser o que é. Além disso, como determinam suas possibilidades combinatórias com outros objetos, constituem sua forma lógica. “Podemos, em certo sentido, falar de propriedades formais dos objetos e estados de coisas, ou seja, de propriedades da estrutura de fatos e, no mesmo sentido, de relações formais e relações entre estruturas”<sup>43</sup>. Como dizem respeito ao que é essencial, não podem ser expressas com sentido por uma proposição, sendo mostradas apenas quando tais proposições são analisadas. São relações estruturais, pois relacionam proposições, ou proposições e o estado de coisas que representam. Assim como se expressa por meio da linguagem um sentido, mas exprime-se nela sua forma, “a presença de uma propriedade interna em uma situação possível não é expressa por uma proposição, mas exprime-se, na proposição que representa a situação, por uma propriedade interna

<sup>37</sup> TLP, 4.121. Original: “Was *sich* in der Sprache ausdrückt, können *wir* nicht durch sie ausdrücken”.

<sup>38</sup> FAUSTINO, Silvia. *A experiência indizível*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 83.

<sup>39</sup> Minha tradução. HACKER, Peter. *Insight and illusion: themes in the philosophy of Wittgenstein*. Revised Edition. New York: Clarendon Press, Oxford: 1986, p. 18-19. Original: “most of philosophy does not obviously violate the bounds of sense. It is covert nonsense for, in a way that is not perspicuous in ordinary language to the untutored mind, it violates the principles of the logical syntax of language. Philosophers try to say what can only be shown, and what they say, being nonsense, does not even show what they try to say. Nevertheless, even within the range of philosophical, covert nonsense we can distinguish, as we shall see, between what might (somewhat confusingly) be called illuminating nonsense, and misleading nonsense”.

<sup>40</sup> TLP, 4.0031. Original: “Alle Philosophie ist ‘Sprachkritik.’”

<sup>41</sup> Segundo a proposição 4.122.

<sup>42</sup> TLP, 4.123. Original: “Eine Eigenschaft ist intern, wenn es undenkbar ist, daß ihr Gegenstand sie nicht besitzt.”

<sup>43</sup> TLP, 4.122. Original: “Wir können in gewissem Sinne von formalen Eigenschaften der Gegenstände und Sachverhalte bzw. von Eigenschaften der Struktur der Tatsachen reden, und in demselben Sinne von formalen Relationen von Strukturen”.

dessa proposição<sup>44</sup>. Isso se dá de modo que tanto desapossar uma proposição de uma propriedade formal, quanto conferir uma a ela seria um absurdo.

As propriedades externas, por outro lado, são aquelas que não são essenciais. Elas estão relacionadas a um objeto estar realmente combinado em um fato com outro objeto. “Para conhecer um objeto, na verdade não preciso conhecer suas propriedades externas, - mas preciso conhecer todas as suas propriedades internas<sup>45</sup>. Nem todas as proposições relacionam-se vero-funcionalmente. Exemplo disso são as proposições elementares. Por serem logicamente independentes, as relações entre elas só podem ser do tipo externas. Os filósofos costumam confundir relações internas, essenciais à coisa, com as relações propriamente ditas, ou seja, atuais, denominadas externas. Como exemplifica Wittgenstein, não é preciso que uma mancha seja vermelha, mas ela deve ter uma cor. A descrição de um objeto é feita por suas propriedades externas.

Como resume Moreno, “A tarefa do *Tractatus* reside, justamente, em colocar em evidência essa forma lógica da linguagem e do mundo, por meio da análise interna da linguagem, estabelecendo, dessa maneira, limites à expressão linguística do pensamento<sup>46</sup>. As proposições lógicas não tratam de nenhuma realidade e não dizem nada, mas demonstram as propriedades lógicas das proposições. Kant, distanciando-se de uma concepção ontológica da lógica como descritiva de um universo de entidades reais ou possíveis, não considera ser suficiente dizer que leis lógicas descrevem todos os mundos possíveis, enquanto leis empíricas descrevem apenas alguns mundos possíveis. Segundo Jacques Bouveresse,

Se se está de acordo com Kant, aquilo que é preciso dizer é antes que elas [as leis lógicas] não são de todo descritivas, na medida em que elas não descrevem alguma coisa que é exterior ao pensamento e que poderia eventualmente ser diferente, se, por exemplo, Deus tivesse criado um sistema diferente de possibilidades, mas somente de possibilidades que são interiores ao pensamento ele mesmo e constitutivas daquilo que ele é<sup>47</sup>.

Embora a lógica não trate propriamente de nada, o que se expressa nela é o que é constitutivo do pensamento em geral.

### Considerações finais

Diante do que foi exposto, pode-se observar que o pensamento, para Wittgenstein, são sentenças em uso, signos proposicionais em sua relação de projeção (enquanto figurações) com o mundo. Ou seja, representamos no pensamento a realidade. A tarefa de crítica da linguagem enquanto delimitação da expressão dos pensamentos cabe à filosofia. Segundo Wittgenstein, “O limite só poderá, pois, ser traçado na linguagem, e o que estiver além do limite será simplesmente um contrassenso<sup>48</sup>. A unicidade entre uma proposição

<sup>44</sup> TLP, 4.124. Original: “Das Bestehen einer intern Eigenschaft einer möglichen Schlage wird nicht durch einen Satz ausgedrückt, sondern es drückt sich in dem sie darstellenden Satz durch eine interne Eigenschaft dieses Satzes aus.”

<sup>45</sup> TLP, 2.01231. Original: “Um einen Gegenstand zu kennen, muß ich zwar nicht seine externen – aber ich muß alle seine internen Eigenschaften kennen.”

<sup>46</sup> MORENO, A. *Wittgenstein - os labirintos da linguagem / Ensaio introdutório*. 2ª edição. São Paulo, Campinas: Editora Moderna, 2006, 22.

<sup>47</sup> Minha tradução. BOUVERESSE, Jacques. *Dire et ne rien dire: l'illogisme, l'impossibilité et le non-sens*. Nîmes: Editions Jacqueline Chambon, 2002, p. 24. Original: “si l'on est d'accord avec Kant, ce qu'il faut dire est plutôt qu'elles [les lois logiques] ne sont pas du tout descriptives, en ce sens qu'elles ne décrivent pas quelque chose qui est extérieur à la pensée et qui pourrait éventuellement être différent, si, par exemple, Dieu avait créé un système différent de possibilités, mais seulement des possibilités qui sont intérieures à la pensée elle-même et constitutives de ce qu'elle est”. Esta passagem aparece em um contexto no qual Jacques Bouveresse está mencionando a posição de Putnam em seus últimos trabalhos com respeito à idéia de que as proposições lógicas não tratam de nenhuma realidade e não dizem nada, sendo consideradas, senão absurdas, ao menos sem-sentido. Putnam retorna a Kant para tentar entender esta idéia.

<sup>48</sup> TLP, p. 131. Original: “Die Grenze wird also nur in der Sprache gezogen werden können und was jenseits der Grenze liegt, wird einfach Unsinn sein.”

e sua negação é uma peça-chave para melhor entender tal limite. Explorando a ambiguidade do termo alemão *Sinn* (sentido), Wittgenstein defende que a negação se refere a uma operação de inversão do sentido ou da direção de um dos pólos (o verdadeiro ou o falso) da proposição. Todo discurso significativo diz respeito a este âmbito proposicional, ao âmbito do verdadeiro ou do falso. Dizer algo com sentido é afirmar ou negar algo com relação à realidade que pode ou não concordar com ela.

A má compreensão da estrutura lógica da linguagem é o que dá origem aos problemas filosóficos, à tentativa de dizer o que não pode ser dito. Para dissolvê-los, é preciso esclarecer o alcance representativo da linguagem. Sua estrutura apenas se mostra no discurso significativo, mas não pode ser dita. Para Wittgenstein, “uma obra filosófica consiste essencialmente em elucidações. / O resultado da filosofia não são ‘proposições filosóficas’, mas é tornar proposições claras”<sup>49</sup>. Embora algumas de suas posições mudem ao longo de sua obra, Wittgenstein manteve, ainda que por razões distintas, esta convicção com relação à tarefa da filosofia.

### Referências

- ARISTÓTELES. “*De Interpretatione*”. In: AGIONI, L. (seleção, tradução e comentários). *Ontologia e predicação em Aristóteles*. Campinas: Unicamp, 2000.
- BAKER, Gordon & HACKER, Peter. *Wittgenstein: Understanding and meaning*. Part II: exegesis § 1- 184. Vol. 1 of *An Analytical Commentary on the Philosophical Investigations*. Second, extensively revised edition by P. M. S. Hacker. USA: Blackwell Publishing, 2005.
- BECKETT, Samuel. “Waiting for Godot”. In: \_\_\_\_\_. *The complete dramatic works*. London: Faber and Faber, 1990.
- BOUVERESSE, Jacques. *Dire et ne rien dire: l'illogisme, l'impossibilité et le non-sens*. Nîmes: Editions Jacqueline Chambon, 2002.
- \_\_\_\_\_. “Les origines frégréennes de la distinction entre ce qui < se dit > et ce qui < se voit > dans *Le Tractatus*.” In: CHAVIRÉ, Ch. (éd.) *Lire le Tractatus logico-philosophicus de Wittgenstein*. Paris: Vrin, 2009, pp. 53-90.
- FAUSTINO, Silvia. *A experiência indizível*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- FREGE, Gottlob. “Sobre o sentido e a referência.” In: ALCOFORADO, P. (seleção, introdução, tradução e notas). *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix: Ed. da USP, 1978, pp. 59-86.
- \_\_\_\_\_. *The Basic Laws of Arithmetic: Exposition of the System*. Trad. Montgomery Furth. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press, 1964.
- GLOCK, Hans-Johann. *Dicionário Wittgenstein*. Trad. Helena Martins. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1998.
- HACKER, Peter. *Insight and illusion: themes in the philosophy of Wittgenstein*. Revised Edition. New York: Clarendon Press, Oxford: 1986.
- \_\_\_\_\_. “Was he trying to whistle it?” In: *The new Wittgenstein*. Edited by CRARY, Alice Marguerite; READ, Rupert J. London; New York: Routledge, 2000, pp. 353-388.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Manuela Pinto do Santos, Alexandre Fradique Morujão. 5ª ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2001.

<sup>49</sup> TLP, 4.112. Original: “Ein philosophisches Werk besteht wesentlich aus Erläuterungen. / Das Resultat der Philosophie sind nicht philosophische Sätze, sondern das Klarwerden von Sätzen”.

- 
- \_\_\_\_\_. *Lógica*. Trad. do texto original estabelecido por Gottlob Benjamin Jäsche de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2003.
- MCGUINNESS, Brian. *Approaches to Wittgenstein*. London and New York: Routledge, 2002.
- MORENO, A. R. “A noção de inefável em Wittgenstein”. In: *Cadernos PUC (PUCSP)*, 1985, v. 21, n. 2, pp. 685-686.
- \_\_\_\_\_. “O que pode ser dito?”. *Revista ciência e filosofia*. São Paulo, USP 1980, v. 2, n. 9, pp. 685-686.
- \_\_\_\_\_. *Wittgenstein - Os labirintos da linguagem / Ensaio introdutório*. 2ª edição. São Paulo, Campinas: Editora Moderna, 2006.
- PLATÃO. *Diálogos: vol. X – Sofista, Político, Apócrifos ou Duvidosos*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. Universidade Federal do Pará, 1980.
- PUTNAM, Hilary. *Renewing philosophy*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1992.
- RAMSEY, Frank. “Critical notice of L. Wittgenstein’s *Tractatus Logico-Philosophicus* (1923)”. In: *The foundations of Mathematics and other logic essays*. Ed. R. B. Braithwaite. London: Routledge & Kegan Paul LTD., 1950, pp. 270-286.
- RUSSELL, Bertrand. “On Denoting” (1905). In: MARTINICH, Aloysius Patrick & SOSA, David, orgs. *Analytic Philosophy: An Anthology*. University of Texas at Austin: Blackwell, 2006, pp. 32-41.
- ROSA, Marcos. “Frege, Wittgenstein e a normatividade da lógica”. In: *Revista Índice* [http://www.revistaindice.com.br]. Vol. 02, n. 01, 2010/1, p. 31-41.
- SANTOS, Luiz. “A essência da proposição e a essência do mundo.” In: WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, pp. 9-112.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- 

Doutora em Filosofia (PUC Rio, 2017)  
Professora, EARJ

E-mail: [mariapvcoelho@gmail.com](mailto:mariapvcoelho@gmail.com)